

ARTIGO

Ecos da modernização potiguar na lírica de Jorge Fernandes

ECOS DE LA MODERNIZACIÓN POTIGUAR EN LA LÍRICA DE JORGE FERNANDES

ECHOES OF POTIGUAR MODERNIZATION IN JORGE FERNANDES'S LYRIC

Clara Castro

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
cclaracastro1@gmail.com

Karen Medeiros

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
karenpriscilarn@gmail.com

Poeta da urbe, espectador das transformações da sociedade potiguar provinciana, Jorge Fernandes (1887–1953) emerge de maneira autêntica e traz para a poesia norte-rio-grandense os primeiros indícios do Modernismo potiguar. Na obra *Livro de Poemas* de Jorge Fernandes (1927), o poeta norte-rio-grandense articula a construção de 40 poemas com os elementos da modernidade, tais como: versos livres, sem rimas e métricas, linguagem coloquial, aproximação da tradição para criticá-la, além do incomum e inovador caráter visual nos poemas “Rede” e “Te-téu”. De modo geral, ao longo da leitura, é possível perceber o diálogo entre as mudanças e invenções da sociedade moderna com o cenário sertanejo e rural, isto é, a poética de Jorge Fernandes revela ao leitor a representação de realidades distintas mas coexistentes (Silva, 2014).

Em um cenário poético ainda preso no viés parnasiano, a lírica de Jorge Fernandes experimenta as novidades da época. De acordo com Gurgel (2000, p. 65), os escritos de Jorge revelam “sua criatividade, elegendo como temas líricos elementos como avião, operário, máquinas, bondes”. À vista disso, dentre os 40 poemas, destacam-se aqui dois: “Meu poema parnasiano nº 1” e “Aviões 1” que marcam a chegada do progresso à sua cidade de origem. Em “Meu poema parnasiano nº1” o eu-lírico apresenta-se como um poeta parnasiano que almeja escrever segundo os preceitos do Parnasianismo mas, em decorrência do efervescente ritmo moderno da urbe, não consegue. Em uma realidade desarmônica, não há como discorrer de maneira cristalizada sobre o cotidiano, diante disso, emerge o saudosismo. Leiamos a estrofe a seguir:

Ah! que saudades eu tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida...
(Fernandes, 2007, p. 19)

No trecho acima, tem-se uma referência ao poema “Meus oito anos” (1859) do poeta romântico Casimiro de Abreu (1839–1860) que, ao ser utilizado, pode remeter ao desejo de retornar a tempos mais simplistas — inclusive na escrita, uma vez que, nas estrofes iniciais o eu-lírico expõe a saudade e a vontade de escrever um poema parnasiano —,



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL7242-ZVLN

Recebido

15 de dezembro de 2025

Aprovado

19 de janeiro de 2026

Edição

Lury Moraes

Revisão

Lury Moraes

sem a avassaladora modernidade da cidade, sem o barulho das máquinas e dos aviões que marcam o poema. Vejamos a estrofe abaixo:

Óleos... fios... polcas... alavancas,
Apitos. Ponteadores. Carritês
Zim traco! traco! traco! Malhos. Alicates. Ar comprimido.
(Fernandes, 2007, p. 19)

Conforme exposto, no trecho destacado há a forte sonorização do cenário descrito pelo eu-lírico, responsável por refletir a trilha sonora rápida e ensurdecadora de se viver na cidade agora moderna. De acordo com os estudos postulados por Silva e Ribeiro (2020, p. 8), “o que mais chama atenção nesse poema, é a tensão existente na escrita do autor ao tentar passar seu assombramento diante da modernidade, há uma excessiva utilização de onomatopeias e exclamações” fato esse que se repete ao longo de todo o poema, a título de exemplificação, temos:

Dem! dem! dem!: o auto-socorro -
Quem vem ali?
Um operário que quebrou uma perna de uma grande altura.
Viva o grande operário! - Viva o grande herói do dia!
- Vivôôôôô!...
(Fernandes, 2007, p. 20)

Além da figura de linguagem, podemos identificar na estrofe citada, a discussão de um tema originário da sociedade moderna, a presença de um operário vítima de um acidente de trabalho que, por esse motivo, é visto como um excelente funcionário, dedicado e capaz até de sofrer um acidente em prol da empresa. Dessa maneira, o poeta potiguar usa do temário moderno não apenas para tratar das inovações propiciadas por ele, mas também para elucidar as condições do sujeito da classe operária perante tais avanços.

No ramo das novas aquisições modernas, segundo Paulo Viveiros (1974), a capital do Rio Grande do Norte (RN) destacava-se como roteiro moderno por ser a primeira cidade da América do Sul a usufruir de uma rota de aviação comercial com os europeus. Tal fato nos permite observar com detalhes o poema “Aviões 1” que, segundo Alves (2022, p. 35), surge “como um dos exemplos da bifurcação entre o tradicional e o novo presentes diante da região provinciana, assombrada pelas asas do novo, da máquina, do aeroplano”. Por meio do lirismo, o poema de Jorge retrata o olhar contemplativo do eu-lírico potiguar, destacando a fascinação perante o grande pássaro de aço que sobrevoa o céu natalense. Leiaamos o poema completo (Fernandes, 2007, p. 44):

Novecentos e cinquenta cavalos suspensos nos ares...
- Besouro roncando: zum...zum...umumum...
Aonde irá aquele Rola-Titica parar?

E os olhos dos cabocos querem ver os Marinheiros
Os peitados vermelhos das Oropas...
E a marmota vai: ron...ron... - cevando o vento -
Por cima dos conqueiros, varando as nuvens...

Depois desce no Rio Grande numa pirueta danisca
Desembestado, espalhando a água...
E fica batendo o papo, cansado de voar...

Embora organizado de maneira tradicional, “Aviões 1” reúne a genialidade do poeta Jorge Fernandes que, mais uma vez, sonoriza o poema com as onomatopeias, usa com recorrência as reticências e trata do deslumbramento do povo diante de tamanha grandeza aeronáutica. No entanto, a riqueza vocabular chama atenção e se sobressai com um quê de brasilidade sertaneja e adaptação do agora citadino pois, apenas os “cabocos”, poderiam atribuir papo a um avião. Para Cascudo (2007, p. 62) “o vocabulário, a síntese e a ortografia são, no ‘Livro de poemas’, bem brasileiros.

Brasileiros do Norte. Com todo vigor pictórico. [...] Um nortista reconhecerá a riqueza da sinonímia empregada no livro de Jorge”.

À vista disso, é cabível dizer que há, no poema citado, vocábulos específicos do sertão brasileiro que, por sua vez, foram postos não por acaso, pois, ainda de acordo com Cascudo (2007, p. 62) “Jorge tinha o cuidado detalhado de cientificar-se da propriedade insubstituível do termo antes de empregá-lo” isto é, há a intenção de dizer isso e não outra coisa. Tal construção proposital seria, segundo Alves (2022, p. 35) “a visão e os elementos que marcam a poesia modernista em seu primeiro momento no Brasil” ou seja, o encontro do sertão, que personifica a máquina, com a modernidade, uma vez que, temos em concomitância com a figura do avião e dos marinheiros, os elementos rurais, tais como: Rola-Títica, besouro, cavalos, marmota, cabocos, desembestados e Oropas.

Desse modo, as escolhas lexicais do poema modernista de Jorge Fernandes não seguem um padrão preestabelecido de escrita, tendo em vista que o autor utiliza versos livres nas estrofes e não apresenta uma poesia de estrutura tradicional, bem como rompe o limítrofe da linguagem rebuscada e experimenta retratar a brasilidade na lírica de seus versos por meio das palavras. Nesse sentido, de acordo com Araújo (1995, p. 69-70):

O poeta forma o seu vocabulário sobretudo a partir de palavras de proveniência regional - e não apenas com as de proveniência prosaica e urbana, como era de se esperar, pois este era o procedimento dos poetas da modernidade em geral. [...] No entanto, é a modernidade que está por trás desta perspectiva, porque o poeta em questão pertence ao mundo civilizado (em oposição ao mundo primitivo), seleciona como assunto de seus poemas temas da atualidade, e produz poemas que são "antipoemas" (em relação ao sistema literário anterior ao modernismo) ao evitar a forma tradicional e incluir no texto palavras e modos de falar "prosaicos", "urbanos" e "regionais".

Nessa perspectiva, os ecos poéticos de Jorge Fernandes surgem como representações da poesia potiguar nos moldes iniciais do modernismo e do novo temário que emerge nas transformações modernas da sociedade potiguar, respectivamente. À vista disso, é possível concluir que os poemas analisados apresentam contributos que permitem enxergar não somente a chegada da modernização no RN mas, sobretudo, os indícios de uma escrita pautada nos caracteres do que viria a ser o Modernismo brasileiro. Portanto, é de suma importância analisar como esses elementos se apresentam na lírica a fim de compreender mais claramente a escrita poética e as mudanças culturais e sociais entre o fim do século XIX e o começo do seguinte.

Ademais, é cabível destacar ainda algumas alterações fonéticas, em “cabocos” e “Oropas”, pois a mudança não serviu apenas para retratar a linguagem prosaica, mas também para sobressair a figura de Jorge dentre os demais poetas, pois, de acordo com Alves (2022, p. 36) tais escolhas foram “compassadamente oposto à linguagem repleta de preciosismo vocabular presente entre os demais poetas norte-rio-grandenses”.

Em suma, apesar de ser caracterizado por Cascudo (2007, p. 62) como “fora de influências, de conferências e de referências” o *Livro de poemas* de Jorge Fernandes apresenta uma ampla gama de referências ao modo de escrita moderno atrelada à ausência de uso das rimas e, por esse motivo, são poemas da cidade, responsáveis por despontar Jorge Fernandes como um dos precursores do Modernismo em solo potiguar. De modo geral, ambos os poemas agrupam elementos do início da poesia modernista brasileira, seja no desapego às regras, seja no temário citadino, responsável por retratar os primeiros passos da realidade norte-rio-grandense rumo ao moderno.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre. **Poesia moderna no RN: primeiro tempo 1925 - 1930**. Mossoró: Queima-Bucha, 2022.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo anos 20 no RN**. Natal: EDUFRN, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento de Luís da Câmara Cascudo sobre o livro de poemas de Jorge Fernandes. *In*: FERNANDES, Jorge. **Livro de poemas de Jorge Fernandes**. 4. ed. Natal: EDUFRN, 2007.

FERNANDES, Jorge. **Livro de poemas de Jorge Fernandes**. 3. ed. Natal: FJA, p. 53, 1997.

FERNANDES, Jorge. **Livro de poemas de Jorge Fernandes**. Natal: EDUFRN, 2007.

GURGEL, Tarcísio. **Literatura Potiguar**. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

SILVA, Ângela Maria Alves da. **A poesia de Jorge Fernandes sob o signo do campo e da cidade: representações da modernidade**. Imburana, São Gonçalo do Amarante - RN, v. 6, n. 1, p. 57-71, jan./jun. 2014.

VIVEIROS, Paulo Pinheiro de. **História da aviação no Rio Grande do Norte**. v. 1. Natal: Editora Universitária, 1974.

Clara Castro

Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Lattes:
<https://lattes.cnpq.br/3426717501732297>.

Karen Medeiros

Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Lattes:
<https://lattes.cnpq.br/4554977408406915>.